AVEIRO, 25 DE SETEMBRO DE 1981 — ANO XXVII — N.º 1357

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 7$50

Director, editor e proprietário — David Cristo
Chefe da Redacção: Júlio de Sousa Martins
— Redacção e Administração: Rua do Dr Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261)
Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

"MUSEU DA RIA"

EDUARDO CERQUEIRA

Por que não na «Lota»?

Nesta velha tineta, que se tornou como que um inveterado vício, de consumidor de paciências através do papel impresso — leitor e escriba, e, portanto, nos dois sentidos opostos — deparei, há dias, em correspondências de Aveiro para matutinos nortenhos de grande circulação, e desabrochante júbilo imediato, com a promissora nova da boa acolhida que a nossa operosa edilidade aveirense dera a um tema de âmbito cultural — de reflexos materiais longínquos — que não costuma estar, frequentemente, na agenda das suas prioridades de acção.

Recebera a nossa municipalidade, com simpatia e aplauso, uma inspirada, e inspiradora, sugestão do Senhor Joaquim de Matos Gomes, de Tercena — e, assim, insuspeita e imparcialmente alheio a Aveiro, e desligado pois por laços afectivos desta nossa terra aceleradamente desindividualizanda —, uma pormenorizada lembrança para criarmos um oportuníssimo, necessaríssimo «museu de embarcações». Das nossas tão características, tão singulares e belas embarcações, que vão em acentuada via de desaparecimento. Como quanto tínhamos de típico — as patrícias tricanas, primeiro, e já apenas uma recordação, e no plano inclinado para extinção as procissões, insuperáveis de aprumo e pompa, ou as salinas, que constituem um elemento essencial da nossa paisagem rasa e luminosa.

A lembrança alvitrada, ao que leio, vem já acompanhada de estudos, esquematizados ponderada e esclarecedoramente. Traz já esboçadas soluções de feição museológica, ao que li, para essa sistematizada recolha dos barcos típicos, creio que únicos, na sua conjectural mestiçagem nórdicas e mediterrânicas, da laguna aveirense e do cordão litoral de dunas que separa do oceano essa formação hidráulica singular a que teimosamente chamamos Ria. Desse oceano de onde a nossa terra ao fim e ao cabo provém e de que se mantém como que por um orgão umbilical, vivificante e permanente. Desse oceano que alimenta toda as marginais terras marinhoas, que não só a cidade marinhoa, de água salgada salutífera, em constante luta com os intoxicantes produtos poluidores que lhe lançamos. E que já traz o germe do «plancton» aqui enriquecido, de que se sustenta uma flora hídrica, antepassada benfazeja das químicas adubações da nossa era tecnológica, e uma fauna, tanto com espécimes ictiológicos, como ornitológicos, dominantemente migratórios. Com evidente interesse científico, e pode-

Continua na 6.ª página

Na semana transacta, dissemos aqui que o «Litoral» deu o seu apoio ao Movimento de Descentralização e Regionalização — iniciativa desencadeada pelo «Expresso», com a adesão de «O Comércio do Porto» e, após, a do «Diário de Coimbra» e a de outros órgãos de Informação, designadamente semanários do distrito aveirense. Alguém estranhou o nosso aplauso; e, sobre o tema, temos até já em nosso poder um artigo (a publicar no próximo número) do nosso ilustre colaborador Eng.º Manuel Bóia. Receia-se a minimização regional de Aveiro por indesejáveis e estranhas tutelas. Pois que se conjure o perigo — é o nosso voto e foi a esperança que norteou a nossa adesão. Mas, cumprindo com o prometido, abaixo reproduzimos a petição a dirigir à Assembleia da República e a subscrever... por quem o desejar.

AVEIRO *na* REGIONALIZAÇÃO

Petição à Assembleia da República

NO EXERCÍCIO do direito de petição, consagrado no n.º 1 do art. 49.º da Constituição da República Portuguesa, os cidadãos abaixo assinados dirigem à Assembleia da República, na pessoa de V. Ex.ª, este documento, fundado na lógica do próprio acatamento da Constituição que nos rege.

Considerando que o texto constitucional consagra expressamente e de forma iniludível o princípio de autonomia das autarquias locais;

Considerando que a mesma Lei Fundamental prevê a instituição de regiões administrativas, como autarquias locais no Continente, que constituem elementos essenciais da descentralização administrativa e que assumem também especial relevância no planeamento económico e social;

Considerando que, passados mais de cinco anos sobre a aprovação, promulgação e entrada em vigor da Constituição, nada foi feito neste domínio, que se traduzisse na instituição das referidas regiões;

Considerando o que significa esta inércia para os interesses reais e vitais de populações das mais diversas regiões do País;

Considerando que se aproxima a revisão constitucional, momento óptimo para o exame de consciência das diversas forças políticas com

cont. na página sete

Assestando o binóculo na PONTE-PRAÇA

AMADEU DE SOUSA

Reina a consternação no popular e populoso Bairro da Beira-Mar: a linda Ponte de Carcavelos, «ex-libris» do pitoresco Canal de São Roque, mais vítima da incúria dos homens que da intempérie, encontra-se em estado deplorável.

Com propriedade, poder-se-á afirmar que vem morrendo lentamente, numa agonia atroz que comove e revolta aquela boa gente, ante o abandono a que está votada.

Diz-se que nem a Senhora das Febres, nem o São Gonçalinho lhe valem, se a Senhora Junta continuar alheia à tragédia, que se prevê ocorra a curto prazo, pela adiantada decomposição. E, para além da perda irreparável, há quem vislumbre, não muito distante, — ao mirar o triste mamarracho da Ponte de São João —, o que o destino lhes reserva, se não acudirem rapidamente à sua querida Ponte.

Que a Junta Antónoma oiça os sinos das capelas do bairro, que não cessam de tocar a rebate.

— :: —

E, na sequência dos canais, aí está presente o aspecto feio — denotando inteiro desleixo — daquele interes-

cont. na página sete

Bancada Litoral-Sul do ANFITEATRO AVEIRENSE

ORLANDO DE OLIVEIRA

É curiosíssima a história da formação da bancada litoral do nosso anfiteatro.

Berlengas e Farilhões são documentos probatórios de que as terras emersas da costa portuguesa se alongavam bastante mais para oeste do que hoje mostra a linha costeira.

As rochas a norte do Cabo Mondego são fortemente atacadas pelas fúrias marinhas e, vencidas pelas mesmas, desfazem-se e desaparecem.

A dureza rochosa do referido Cabo Mondego e a resistência granítica de Espinho e do que lhe fica mais ao norte constituiu também poderoso tampão contra a destruição provocada pelo mar.

Limitada portanto pelos dois redentes duros — Cabo Mondego ao Sul e rochas de entre Esmoriz e Espinho ao Norte — a natureza pétrea mais tenra intermediária foi amplamente vencida pela voragem das forças pelágicas. Assim se constituiria uma grande laguna, quiçá também ajudada pelo possível abaixamento da bordadura terrestre.

A formação posterior de uma orla arenosa, de Norte para Sul e ao longo da costa, originou a nossa Ria, que se estende por 50 quilómetros de comprimento, desde Mira a Ovar.

Pois bem: é precisamente ao longo desta linha bordejante,

Continua na 2.ª página

CRUZ MALPIQUE

Vivemos ou não em regime de LibArdade?

Entende-se, hoje, a muitos níveis sociais, que a liberdade se pode autografar em libArdade.

Ora essa! — posso ser o que quiser, fazer o que me der na real gana, acabaram-se as ditaduras de má morte.

Há quem aprenda mundos e fundos? Pois eu quero gozar da libArdade de ser ignorante.

Há quem corte o cabelo à escovinha, ou o passe a pente fino, e lave a cabeça até ao mais íntimo do coiro cabeludo? Pois eu quero gozar da LibArdade de ser parasita.

Há quem trabalhe pela medida grande, fazendo fincapé em só comer o pão ganho com o suor do seu próprio rosto? Pois eu quero gozar da libArdade de ser parasita, de gozar o dolce far niente, a preguicite aguda.

O meu paradigma é o deixa-te-ir, o não-te-rales que esta vida são dois dias; é o fritar o meu ovo, seja como for, ainda que, para isso, tenha de deitar fogo ao prédio do vizinho; e o fumar o meu cigarro, quando a boca mo pedir, e esmurrar depois a cinza, com a unha à catita.

Ora essa! Vivemos ou não vivemos em regime de libArdade?

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XCI

Poucas são já as pessoas que se lembram de ter assistido a um **entremez**.

O último que me recordo de ter visto foi numa festa da **Senhora das Febres**, no largo em frente à capela, já lá vão muitos, muitos anos.

Nos entremezes — espectáculos teatrais ao ar livre — representavam-se **farsas, peças bíblicas e históricas, dramalhões de faca e alguidar, comédias «amorudas», variedades**, etc., etc., que entusiasmavam a assistência e a fazilam vibrar, ou originavam o desencadear de **pateadas** quando o actor representava um papel antipático que, na peça, lhe tinha sido distribuído.

Os actores, normalmente gente com pouca instrução, representavam à sua maneira, tomando a sério o personagem que lhe coube na distribuição dos papéis.

Fecho os olhos e parece-me estar a ver um **Herodes** furibundo, de espadalhão feito de madeira, de cabeleira comprida, de grandes barbas e farta bigodeira — para acentuar bem a importância desse personagem — a arengar para a plateia, isto é, para o público que estava, de pé, a assistir à representação, com um enorme vozeirão, ameaçando que mandaria matar todas as crianças, para, assim, evitar que **Aquele** que lhe disseram ter nascido há pouco tempo e que viria a ser o **Rei dos reis** — como o anunciaram os Magos — viesse, de facto, a reinar sobre a Terra, correndo com os poderosos, o que para ele, Herodes, era uma ameaça.

Muitos desses entremezes eram ensaiados e representados por pessoal das aldeias nossas circunvizinhas; mas, também, entre as gentes da nossa Beira-Mar se organi-

Continua na 3.ª página

PAGADOR de PROMESSAS... ...ALHEIAS!

EMI

AUSTERIDADE
DESEMPREGO
CUSTO DE VIDA

a. torres

— Eles fazem as promessas... mas eu é que as pago!

MOTORIZADAS e ESTUPIDEZ

MARCOS

Nunca mais me esqueci quando certa ocasião, num encontro, ouvi, da boca de um presente, a seguinte conceituosa frase: «Se a estupidez fizesse doer o Mundo era um griteiro!». Julgo assisado evocá-la aqui, quando a estudpidez e a falta de senso se estão a revelar cada vez mais entre nós, por toda a parte e a todo o momento.

Suponho que é do conhecimento geral que qualquer poluição é nociva, desagradável e, por vezes, contundente dos nervos nas pessoas normais. Dentro da cidade, a que mais fere a nossa sensibilidade e prejudica a tranquilidade que merecemos é, certamente, a poluição sonora.

Ora, dentre as fontes sono-

cont. na página sete

Uma «praga» também em Aveiro!

O MAIOR
O EDIFÍCIO OITA, construído em homenagem à cidade Japonesa Gémea, cresceu. Sendo o maior de Aveiro, foi acrescentado de mais pisos, possibilitando novas oportunidades de aquisição de Lojas, Escritórios, e Habitação.
O CENTRO OITA é um empreendimento ao nível europeu pela sua grandeza, solidez de construção, concepção arquitectónica, distribuição de espaços e áreas designadas.
O CENTRO OITA garante óptimas habitações, zona comercial no coração de Aveiro e de primeira categoria, na Avenida Lourenço Peixinho, escritórios funcionais.
Mais que um símbolo de progresso, é um monumento, pertença de particulares, à fraternidade com Oita.
ALVARÁ — 440/80
CENTRO
OITA
大分市
digno de Aveiro, digno de si
STAND DE VENDAS — AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 46 — TEL. 26761 — 3801 AVEIRO • EDIFÍCIO OITA — AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 144 A 148 — CX. POSTAL 49 — 3801 AVEIRO

Anfiteatro Aveirense

Continuação da 1.ª página

passando por Mira, Vagos, Ílhavo, Aveiro, Estarreja (e Murtosa) e Ovar, que assenta toda a bancada litoral (a mais baixa) do nosso anfiteatro.

Assim se explicam duas atitudes que tenho tomado ao longo desta série de artigos :

a) — porque guardei para o estudo do nosso problema regionalista os 6 ou 7 concelhos desta bancada litoral;

b) — porque incluí o concelho de Espinho na «Bancada Norte» e não o guardei para a «Bancada Litoral».

Vamos então caminhar do Sul para o Norte.

Vagos — Embora a vila seja modesta, o concelho do mesmo nome é úbere e possui um parque muito apreciável de gado leiteiro, fornecedor de uma grande parte do leite consumido diariamente na cidade de Lisboa. Alimenta também a indústria de lacticínios. O concelho tem duas partes distintas : a parte oriental, com terrenos muito bons para a agricultura e orizicultura; e a parte ocidental, arenosa, junta ao mar, onde se desenvolvem as artes piscatórias.

Por uma ou por outra destas razões, a pecuária, a agricultura e a pesca são as grandes fontes de receita que fazem desta antiga vila — bem importante na Idade Média —, com foral desde 1514, uma região cujos habitantes vivem com desafogo económico.

Gente muito activa e trabalhadora, a ela se deve todo o êxito do arroteamento dos charcos e areais das Gafanhas, bem assim dos arrozais dos campos de Ouca.

Como impulsionadora da vida espiritual, a capela de Nossa Senhora de Vagos desempenha papel notável e é lugar de devoção para povos da Gândara e da Bairrada.

Tem alguma indústria cerâmica; e uma boa parte da sua população trabalha na Fábrica da Vista Alegre, já no concelho de Ílhavo, mas apenas a 3 quilómetros do coração de Vagos.

Há, pois, grande aproximação humana entre os dois concelhos vizinhos e pode afirmar-se com propriedade que o concelho de Vagos abraça a «grande salva de prata que é a Ria».

Assim chegámos à vila de **Ílhavo**, sede do concelho do mesmo nome, cujos habitantes têm sido imortalizados por vários escritores, pintores, músicos e escultores, que tão calorosamente têm cantado os seus heróis e os seus Bispos.

Lembremos, por exemplo, o famoso diálogo entre os «Ílhavos» e os da «Borda d'água», de Almeida Garrett.

Nem admira que tantos e tão bons apreciadores tenha um povo que conta história tão longa, desde os tempos de Fernando Magno e de D. Sesnando, segundo nos informa Rocha Madaíl.

Fundada ou não por uma colónia grega, assim se procura justificar a cativante graciosidade e beleza das mulheres ali nascidas, bem assim a proverbial valentia dos numerosos marinheiros e capitães náuticos e pescadores oriundos destas paragens.

Não nos propomos escrever sobre o concelho nem descrevê-lo nos seus pormenores. O nosso propósito é tão-somente o de provarmos a sua ligação íntima com Aveiro, na unidade do seu distrito — e não se julgue fácil esta última tarefa. Os ilhavenses sentem e vivem um profundo amor ao seu torrão natal e não aceitam quaisquer subordinações, por serem muito ciosos da sua auto-suficiência.

Em contrapartida, sentem-se ufanos quando detêm posição destacada em territórios diferentes do do seu concelho, o que conseguem muitas vezes por serem trabalhadores incansáveis e também recalcitrantes, sempre à cata da perfeição do seu trabalho e de conquistas crescentes nas suas profissões.

Estas gentes dispõem de um tal acervo de reais e valiosas qualidades que se torna bem difícil dizer qual delas seja a maior : se a persistência no trabalho, se o espírito crítico nas atitudes.

Presentemente vive-se em Ílhavo uma hora de grande progresso : além da sesquicentenária Fábrica da Vista Alegre, que tanta fama, prestígio e proveito dá à região, têm-se instalado à sua volta numerosas indústrias, todas em fase de grande expansão.

Também o concelho de Ílhavo tem a sua parte rural agricultável e boa porção das orlas marítima e lagunar, além da parte urbana. Mas, de qualquer modo, homens e mulheres da indústria, da pesca, do comércio, da navegação, da agricultura ou da elite intelectual, todos têm o distrito de Aveiro no coração. Porque a Ria quase lhes entra nas casas e o mar ribomba e ressoa nas suas almas, bem se poderá dizer que as populações ilhavenses abraçam com carinho «a grande salva de prata que é a Ria».

Orlando de Oliveira

Achegas para a Historiografia Aveirense

Continuação da 1.ª Página

zaram grupos, não só para fazerem entremezes na festa da Senhora das Febres, como, também, para irem a outras terras mostrar as suas habilidades.

Do — possível — último destes grupos, que deu brado pelo que lhe aconteceu na Murtosa onde se viram **à rasca** aquando da sua actuação, resta, que eu saiba, apenas um elemento, o **João Setenta (Setenta é alcunha)** que, então ainda rapaz (era o mais novo do grupo ensaiado pelo amador Abel Costa), cantava a canção muito em voga chamada **Géni**, e a representava, sendo muito aplaudido pela maneira por que o fazia.

O mesmo de um desses entremezes há quem se lembre das seguintes quadras e da sua música :

Já ouço para aí banzé
Anda para aí traulitada.
Joaquina não tenhas medo
Pega aqui na minha espada.

Ai Joaquina!
Ai Setenta!
Assim agarradinhos
É que a gente se contenta.

O Largo da Senhora das Febres, pela diferença de nível entre a capela e a rua, tinha diferente aspecto do que actualmente tem. Este foi-lhe dado pela Câmara Municipal quando, para alinhar o local, mandou fazer ali uma mancha verde, arrelvando e plantando uns arbustos que o rapazio não soube respeitar. Então, havia uma rampa, que terminava no tanque do lavadoiro da fonte de S. Roque, rampa na qual, na noite de S. João, as pessoas que sofriam de doenças de pele — e outras que fingiam sofrer —, tapando o corpo com roupas muito ligeiras, se deitavam a rebolar por essa rampa, dizendo:

Em louvor de S. João
Para que o meu corpo fique são.

Prestava-se o largo para a montagem do palco, pois que, com umas cruzetas de madeira e umas poucas de tábuas, tapadas com serapilheiras, até se arranjava o lugar para o **ponto**, o qual se metia dentro de uma barrica, para evitar que os **engraçados** o espicassassem com alfinetes e outros **picos**, atitude que esses ou outros **engraçados** tomavam, através das frinchas das tábuas, ou da serapilheira, quando o homem do ponto se sentava sem qualquer defesa.

Mas... entremezes havia-os em quase todas as festas das nossas redondezas e até à Feira de Março vinham barracas onde eles eram representados.

De um deles há quem se recorde das seguintes quadras :

Maldita marreca,
Maldito aleijão.
Esta alforreca
Não se endireita, não.

Não se endireita, não!
Maldito zagaz,
Confusão me faz.
Maldita marreca!

À Feira vinham barracas com teatros, representando peças ao gosto popular.

É de recordar o **Dálò** — de que eu me não lembro ver qualquer representação — que entusiasmava as gentes da Beira-Mar, ao ponto destas irem empenhar os valores que tinham em casa para não faltarem aos espectáculos, tão viciadas estavam; isto numa época em que o dinheiro era pouco e, naquele bairro, se vivia parcamente.

Houve anos em que a Polícia teve de intervir, afastando à força, de Aveiro, aquela companhia teatral.

Desta companhia ficaram em Aveiro o **Joaquim Taínha** (foi contínuo dos **Galitos**) e sua mulher, a Sancha.

Mais tarde — e desse, sim, lembro-mo bem — vinha o **RINTINI**, com casas sempre à cunha, não só devido às peças que representava, como, também, pela beleza, simpatia e gentileza das actrizes, familiares do empresário.

Quando eram necessários comparsas, elas encarregavam-se de os arranjar e eles tomavam parte, de **borla**, só para corresponder à gentileza dessas actrizes.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

Um comunicado da C. E. D. de AVEIRO do C.D.S.

Com o pedido de publicação, recebemos, na sua data, da Comissão Executiva Distrital de Aveiro do C.D.S., o seguinte

ESCLARECIMENTO

A Delegação de Aveiro do Partido do Centro Democrático Social, CDS, tomou conhecimento de que o funcionário dos CTT, encarregado da cobrança em Aveiro da sobretaxa nacional de Radiodifusão, tem procurado criar o descontentamento junto dos contribuintes, produzindo afirmações caluniosas, tais como: «A taxa de rádio é uma injustiça, mas eu não tenho culpa, não votei AD».

Ora, porque os incapazes, para intoxicar a opinião pública, não hesitam em recorrer à calúnia e à mentira, convém esclarecer, lembrando três factos verdadeiros:

1.º — A norma que instituiu o actual sistema de cobrança da chamada sobretaxa da Rdiodifusão está contida no Decreto-Lei 389/76 de 24 de Maio;

2.º — Nessa altura, o Governo da República era presidido pelo Almirante Pinheiro de Azevedo, e os Ministros signatários do referido Decreto-Lei são os bem conhecidos socialistas do P. S., Almeida Santos, Walter Rosa e Salgado Zenha;

3.º — Em 1976, a A. D., tão-pouco era Governo, como ainda nem sequer se tinha constituído.

Assim, e independentemente dos juízos de valor que se possam fazer sobre aquela lei de carácter fiscal — e todos sabemos como as leis fiscais são **sempre** mal amadas pelos contribuintes — o que é indubitavelmente injusto e incorrecto é que aqueles que fazem o mal, sejam precisamente os mesmos a fazer a caramunha.

Aveiro, 22-Setembro-81.

JORNADA CULTURAL E RECREATIVA DO «ORFEÃO DE ESGUEIRA»

No próximo domingo, 27 do corrente mês de Setembro, o «Orfeão de Esgueira» organiza uma jornada cultural e recreativa, cujo programa geral ficou assim elaborado:

De manhã: «Caravana Ciclista», com concentração, pelas 9 horas, junto ao Cruzeiro de Esgueira, e partida, pelas 9.30 horas, para um passeio ciclo-turista no seguinte itinerário: Esgueira, Azurva, Tabueira, Quintã do Loureiro, Cacia, Sarrazola, Póvoa do Paço, Mataduços e Esgueira (chegada junto ao Ciclo).

De tarde: Gincana ciclista (aberta a pessoas de todas as idades, a partir dos 4 anos), nos terrenos circundantes do Ciclo, e jogo da malha.

À noite: Espectáculo de Variedades, que incluirá um passatempo musical, a actuação do «Orfeão de Esgueira» e demonstrações de ilusionismo, pelo Prof. Marcos do Vale.

Ultreia Diocesana dos CURSILHOS DE CRISTANDADE

Na próxima segunda-feira, dia 28, com início às 21.30 horas, realiza-se, na Sé de Aveiro, uma Ultreia Diocesana, que conta com a participação de todos os cristãos que fizeram a experiência de um Cursilho de Cristandade.

Será apresentado o Secretariado Diocesano para 1981/82.

Na Ultreia, que encerrará com a celebração da Eucaristia, participará o venerando Bispo da Diocese.

FESTIVAL - ROCK EM AVEIRO

Está a ser aguardado com muito interesse o Grande Concerto de «Rock» Português que hoje, sexta-feira, se realiza nesta cidade, numa organização do Sport Clube Beira-Mar.

O **Festival - Rock** terá início às 22 horas, no Pavilhão da «Feira de Março», e, como tivemos já ensejo de anunciar, na semana finda, nele actuarão os conjuntos musicais «T. N. T.», «IODO» e «BICO d'OBRA».

ESCOLA PREPARATÓRIA DE AVEIRO

O Conselho Directivo da Escola Preparatória de Aveiro vem por este meio informar que as listas das turmas do 1.º e 2.º anos, serão afixadas no próximo dia 28 (segunda-feira) no átrio da Escola.

Mais se informa que nos dias 1 e 2 do próximo mês, durante as horas de expediente, serão recebidos os Pais, Encarregados de Educação dos alunos do 1.º ano, para um primeiro contacto com a Escola e a sua orgânica.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 25 — às 21.30 horas; Sábado, 26; e Domingo, 27 — às 15.30 e 21.30 horas — ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 26 — às 24 horas (Meia Noite Especial) — FILHA SEXY DO SENADOR — Interdito a menores de 18 anos.

Segunda-feira, 28 — às 21.30 horas — A CULPA — (com a presença de António Vitorino d'Almeida) — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quarta-feira, 30; e Quinta-feira, 1 de Outubro — às 21.30 horas — MONTANHA RUSSA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine Avenida

Sexta-feira, 25 — às 21.30 horas; Sábado, 26; e Domingo, 27 — às 15.30 e 21.30 horas — O INSPECTOR MARTELADA NO NILO — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Segunda-feira, 28 — às 21.30 horas — O TIGRE DE MONPRACEM — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Terça-feira, 29 — às 21.30 horas — UMA MULHER PARA DOIS — Não aconselhável a menores de 18 anos.

— Estúdio 2002

Sexta-feira, 25 — às 17 e 21.45 horas — NORMA RAE — Não aconselhável a menores de 13 anos.

De Sábado, 26, a 5.ª-feira, 1 de Outubro — às 15.30 e 21.45 horas — O MEU TIO DA AMÉRICA — Interdito a menores de 13 anos.

Nos mesmos dias, 26 de Setembro a 1 de Outubro — às 18 horas (Segunda Matinée) — A ROSA — Interdito a menores de 18 anos.

Domingo, 27 — às 11 horas (Matinée Infantil) — FESTIVAL DE DESENHO ANIMADO — Para todos.

ANTIGOS MILITARES confraternizam em Aveiro

No dia 4 de Outubro próximo, os militares que prestaram serviço no Batalhão n.º 74, em Angola, reunem, em fraterno almoço, no restaurante «Bota Rota», desta cidade.

Até ao fim do corrente mês de Setembro podem fazer-se as inscrições, abertas na Rua do Carril, n.º 65, e a cargo de António Simões Neto.

Em Aveiro desde 1918 BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

O Banco Nacional Ultramarino é a mais antiga instituição de crédito existente no concelho de Aveiro. As suas instalações na cidade datam, rigorosamente, de 23 de Setembro de 1918, o que vale dizer que já foram ultrapassadas seis décadas de prestantíssimo contributo para o desenvolvimento económico local.

De acentuar: na Agência de Aveiro da tão relevante instituição bancária trabalharam (e, ainda hoje, ali laboram) distintos funcionários nascidos em terras da Ria, ou que aqui se radicaram, conquistando, por seus incontestáveis méritos, a geral simpatia dos aveirenses.

Na Zona Urbana de Aveiro CRIMINALIDADE e ACTIVIDADE da PSP

Os aspectos mais característicos da criminalidade e actividade da PSP, na **Zona Urbana da Cidade de Aveiro**, referente ao mês de Agosto transacto, foram os seguintes:

1. Criminalidade

A maior parte dos indicadores mantém-se estacionária. Regista-se, entretanto, um ligeiro agravamento de furtos em habitações e em viaturas estacionadas na via pública.

2. Actividade da PSP

A PSP efectuou 6 prisões, sendo duas por furto, uma por condução de automóveis sem carta, uma por injúrias e desobediência à PSP e mais duas por desordem e agressão entre cidadãos. Foi recuperado um automóvel e uma motorizada. Através de inquéritos preliminares foram descobertos os autores de alguns furtos e recuperados valores no montante de 41.981$50. Foram fiscalizados 47 estabelecimentos comerciais e elaboradas 6 autuações por infracções anti-económicas.

Em Setembro tem prosseguido a «Operação Férias», que consiste na vigilância da PSP às residências devolutas por ausência dos seus proprietários, que a solicitaram à Esquadra da Polícia.

A fiscalização do trânsito continua a incidir, além do mais, sobre: sinalização luminosa; falta de pára-lamas; pneus lisos; e legalidade da condução.

CASAMENTO

No penúltimo sábado, dia 12, consorciou-se a sr.ª D. Ana Clara da Graça Miller com o sr. João António Vieira Magano. A noiva, funcionária dos serviços administrativos do **Litoral**, é filha da sr.ª prof.ª D. Judite de Apresentação Rodrigues da Graça Miller e do Chefe da Secretaria do Tribunal de Instrução Criminal da Comarca aveirense, sr. António Miller Soares Ribeiro; o noivo, profissional marítimo, natural de Ílhavo, é filho da sr.ª D. Rosália Lopes Vieira e do sr. Manuel Domingos Magano.

O casamento realizou-se na catedral de Aveiro, sendo celebrante o Rev.º Padre Jeremias Carlos, Provincial da Ordem do Carmo. Serviram de padrinhos: da noiva, sua irmã, sr.ª D. Maria Leonor, e marido, sr. António Ferreira da Cruz; e, do noivo, seus tios, sr.ª D. Maria Adelaide Gomes Vieira e marido, sr. João Adamastor da Silva.

Ao novo lar deseja o LITORAL as maiores felicidades.

«Bodas de Prata» do PRIMEIRO CURSO DA ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Os alunos do primeiro curso da Escola do Magistério Primário de Aveiro (1955/56) comemoram, no próximo domingo, dia 27, as «Bodas de Prata», numa confraternização, que promete ser jubilosa.

A concentração será, na Escola, às 10 horas.

Nova capela da PRAIA DA BARRA

No primeiro domingo do mês dia 6, e sob presidência do venerando Bispo-Coadjutor de Aveiro, D. António Marcelino, foi benzida a primeira pedra da nova capela da Praia da Barra.

À tarde, e em, direcção ao Forte, realizou-se um cortejo automóvel, acompanhando a Padroeira, Nossa Senhora dos Navegantes.

Presentes à cerimónia, além de outras individualidades, o Governador Civil de Aveiro e o Presidente da Câmara de Ílhavo.

De notar que, desde o primeiro domingo de Julho, e dada a exiguidade da actual capela, as missas dominicais e de dias-santos têm sido celebradas debaixo de um pára-quedas.

SERVIÇO MILITAR para efeitos de REFORMA

Recebemos, da Comissão Distrital de Aveiro do Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos (MURPI), a seguinte

INFORMAÇÃO

A Comissão Distrital de Aveiro de Reformados Pensionistas e Idosos de Aveiro, aderente ao MURPI, está a colaborar na acção urgente que este movimento vem desenvolvendo a nível nacional para suprir a estranha falta de divulgação oficial do decreto regulamentar n.º 17/81, de 28 de Abril, sobre contagem do tempo de serviço militar para efeitos de reforma.

Esta contagem deverá ser requerida até ao próximo dia 31 de Outubro, tanto pelos actuais pensionistas, como por trabalhadores ainda no activo, principalmente por aqueles que estejam a atingir a reforma e tenham requerido a reforma até 28 de Abril de 1981.

Para mais esclarecimentos podem os interessados recorrer à Comissão Distrital de Aveiro — Rua Belém do Pará, 4, 1.º-E — 3800 Aveiro, ou pelo telef. 28684.

Brevemente em Aveiro DIVALDO FRANCO

No dia 6 de Outubro próximo, estará em Aveiro o professor Divaldo Pereira Franco, que proferirá uma conferência e dirigirá um colóquio, com início às 21 horas, no Salão Municipal de Cultura, sobre Parapsicologia e Espiritismo. A entrada é livre.

Trata-se de uma ilustre personalidade brasileira. Fundou o Centro Espírita «Caminho da Redenção», em que assentam numerosas e válidas obras sociais; visitou cerca de três dezenas de países, onde proferiu notáveis conferências; contam-se por mais de duas centenas as suas actuações na Rádio e na Televisão; actuou em múltiplos congressos brasileiros e internacionais; e recebeu cerca de vinte troféus e numerosas menções honrosas e diplomas honoríficos. É cidadão honorário de dez cidades brasileiras.

Um novo matutino «DIÁRIO DE VISEU»

«**Diário de Viseu**» é o título de um novo matutino sediado na cidade de Viriato.

Implicando um investimento de largos milhares de contos, o novo diário propõe-se ser de grande informação independente e ao serviço da Região Centro. Para tanto, dispõe de correspondentes em todos os concelhos dos distritos de Aveiro, Coimbra, Guarda e Viseu.

No tocante ao nosso Distrito, segundo informação fornecida pelo seu delegado distrital, Miguel Souto, o «**Diário de Viseu**» procurará acompanhar os problemas e aspirações locais e divulgar os acontecimentos de forma objectiva, acessível, isenta e rigorosa.

O novo jornal, em formato tablóide e com uma tiragem inicial de 15.000 exemplares, estará à venda nas tabacarias; e, para além do noticiário diário de Aveiro, deverá publicar brevemente uma série de páginas especiais dedicadas ao nosso Distrito.

PARTIDO SOCIALISTA Federação Distrital

Na sequência do III Congresso Distrital de Aveiro do Partido Socialista, reuniu, no dia 29-8-81, a Comissão de Federação que, entre outros pontos da Ordem de Trabalhos, procedeu à eleição do novo Secretariado Executivo da Federação.

Foi apresentada uma única lista, proposta pelo Coordenador Orlando Cruz, que obteve a aprovação maioritária da referida Comissão e que tem a seguinte composição: José Valente, Rosa Maria Albernaz, Anibal Gouveia, José Mota, José Fragateiro, Diamantino Lemos, Vasco Almeida, Manuel Tavares, João Ferreira da Silva, Augusto Mamede, Carlos Fradinho e Francisco Oliveira.

Este Executivo marcou a sua primeira reunião de trabalho para o dia 9 do corrente. Entre outros assuntos agendados, procedeu-se à análise da actuação autárquica da AD a nível distrital, estudando-se, então, as bases do programa alternativo a apresentar ao eleitorado, com vista às próximas eleições.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO Serviços Sociais

No dia 15 do corrente, foi-nos entregue, com o pedido de publicação, e firmado por 34 assinaturas (e são elas que responsabilizam o documento) o seguinte

COMUNICADO

«Os alunos que, desde o início deste mês se vêm deslocando para Aveiro, a fim de realizarem os seus exames, e que nesta altura são já em número considerável, vêem-se privados das habituais refeições servidas no Refitório dos Serviços Sociais (S.S.), devido à incompetência e «falta de sentido de dever» do Director destes Serviços e responsável directo pelo sector de Alimentação, e ainda ao enorme desprezo que lhe merecem os problemas dos estudantes, o que contraria a vocação dos S. S..

A ilustrar tudo isto está o facto de não ter providenciado, atempadamente, no sentido de encontrar provisoriamente uma solução alternativa ao Refeitório, que se encontra em obras. Essas soluções existem! Foram já propostas pelos alunos aos S. S. mas, até hoje não só não se pôs nenhuma delas em prática, como não se vislumbra outra saída para o problema que não seja o esperar pela conclusão das obras, previstas para finais de Setembro.

OS EXAMES SÃO FEITOS NA RUA

Goradas que foram as diligências feitas junto do Director dos Serviços, os estudantes resolveram apresentar o problema directamente ao Sr. Reitor que é, por inerência de cargo (Decreto-lei n.º 132/80, de 17 de Maio) o Presidente dos S. S. Mas não chegaram sequer a ser ouvidos. Foram imediatamente expulsos e insultados pelo Reitor, duma forma grosseira e prepotente, atitudes que sendo censuráveis, em qualquer cidadão, o são, por maioria de razão, na entidade máxima duma Universidade. Por fim, e em ar de justificação, o Sr. Reitor disse: «a Universidade encontra-se fechada até Outubro e, por isso, a cantina não pode servir refeições».

Achamos esta afirmação tão ridícula como infantil, pelo que lhe dispensamos os nossos comentários...

Só um aparte: se a Universidade está fechada, onde são feitos os exames, Sr. Reitor? Na rua?

DO PLANEAMENTO AO IMPROVISO

O plano Geral da Universidade de Aveiro custou uns milhares de contos e foi aprovado em Março/79, em presença de entidades ministeriais, universitárias e militares, civis e religiosas da região. Fizeram-se bonitos discursos adequados à circunstância e ao próprio projecto onde nada foi deixado ao acaso: desde os edifícios escolares e de investigação a bibliotecas, passando por um complexo desportivo, residências universitárias, creches, instalações para a Associação de estudantes e um **amplo Refeitório dos S. S.**, etc. Enfim, um sonho que a realidade vem desmentindo. E quando dizemos isto, referimo-nos, não só ao atraso geral (esquecimento) da sua execução, mas principalmente às soluções de improviso que têm sido adoptadas, nomeadamente, no caso da cantina, e que se têm traduzido por anuais e sucessivas ampliações da inicialmente existente. Esses «remendos» só muito precariamente resolvem o problema da falta de espaço em cada ano lectivo, mantendo-o, assim, sempre actual, além de atrasarem o fornecimento das refeições aos utentes da cantina, e envolverem um custo de milhares de contos. Destroiem-se umas paredes e constroiem-se outras que, por sua vez, serão demolidas dentro de pouco tempo. Tudo isto é provisório, só dura até à construção da cantina definitiva.

Definimos estas obras como um atentado à inteligência das pessoas e contra os cofres públicos.

Por que não se constrói de vez o Refeitório, de acordo com o Plano Geral?

Recusamo-nos a acreditar que se trate de incapacidade congénita para discernir qual a solução mais racional por parte das pessoas ou orgãos que decidem sobre esta matéria.

Seria interessante e elucidativo averiguar quem são os (ir) responsáveis e interessados neste tipo de soluções. É um alerta que fazemos...»

JOSÉ MARIA SARAIVA DA FONSECA

AGRADECIMENTO

Sua esposa, Lolita Saraiva, e restante família, agradecem, por este único meio, a quantos participaram na sua dor pelo falecimento do saudoso extinto, particularmente aos que o acompanharam à sua última morada.

MARIA SUSANA FERREIRA PIRES

AGRADECIMENTO

Sua família agradece, por este único meio, a quantos participaram na sua dor pelo falecimento da saudosa extinta, particularmente aos que a acompanharam à sua última morada.

«MUSEU DA RIA»

Continuação da 1.ª página

rosas aliciações cinegéticas ou de pescas, profissionais ou amadorísticas.

Vem, a meu ver, em oportuna hora, a espevitada lembrança. E eu, cá por mim, aplaudo-a às mãos ambas, com todo o já declinante vigor que me resta. Tanto mais que, segundo leio, os membros da edilidade deram à sugestão alienígena o borbulhante acolhimento de aplauso que o pensamento indígena e as penas autóctones nunca lograram dos antecessores responsáveis pela administração local. (Não lhes chamo autarcas, porque acho o termo de tão horroroso mau gosto, que, se fosse comigo, o considerava vexatório, insultuoso e motivo para imediata declinação do cargo).

É verdade que o Município — que tanto e tão justamente se queixa de que o seu erário é tolhedoramente insuficiente para as necessidades, todos os dias desabrochantes, mais urgentes e indeclináveis — é hoje, em comparação com o que sucedia aqui há um século e meio nababescamente rico. Não é agora o momento para dizer porquê. Basta lembrar que, já avançado o segundo quartel do século passado, as receitas camarárias rondavam os dois contos anuais e agora se contam na ordem das centenas de milhares.

E vem a talho de foice recordar que o Domingos Carrancho, de boa memória, o primeiro notório impulsionador da cidade oitocentista, para dar início à iluminação pública com dois bruxuleantes lampeões de azeite, teve de criar, imperativamente, um imposto especial. Onerou com uns reaizitos, cuidadosamente cobrados e arrecadados, a jeropiga — que era, talvez, na época, o equivalente ao actual «whisky» — que se vendesse aquartilhada. Para com alguns mortiços raios luminosos quebrar o opaco, quase amedrontador negrume da espessíssima e soturna porta da Ribeira — a que, rasgada na muralha, estabelecia contacto com a área que se denominara de Vila Nova.

A sugestão do Sr. Joaquim de Matos Gomes — que eu não conheço senão pelo que os jornais sumariaram — caiu, jubilosamente o digo, como uma pedrada no charco. E, pela atenção que despertou e a repercussão que vem tomando — que Deus seja louvado! — parece não haver caído em saco roto. Pois vamos pôr mãos à obra, enquanto os entusiasmos não arrefecem — e a ideia não cai mais uma vez, porque não é de hoje — no esquecimento mais quedo e sedimentado, soterrado no denso, opaco e aniquilador olvido.

A ideia já conta vários decénios. Se não mais. Mas desta vez mexeu com a Câmara, que tem dado boas provas, e já nem sequer é a pobretana que foi. Eu, com o meu fraco fôlego de aposentado septuagenário, não deixarei de assoprar à fogueira que agora se ateia. Agora e de outras vezes. A berrar se for preciso. Porque eu continuo a crer que muitas vezes o que vale mais e é mais perduradouro são os valores não comerciáveis. E à Câmara e às entidades estaduais, para as quais um caso destes não passa de uma gota de água, compete inalienavelmente não depreciar um caso como o que está em causa.

Como já declarei, eu não conheço os esboços de que a benvinda sugestão vem acompanhada e a reforçaram na boa acolhida que os edis despertados para uma obra útil lhe dispensaram. Nem imagino se concretamente se pensa já dar ao Museu concebido e acalentado uma localização definida, viável e defensável.

Pretendo, todavia, ter encontrado, com excelente situação no aro lagunar aveirense, a implantação mais adequada e fácil para o preconizado estabelecimento museológico. Uma situação e uma solução talvez insuperáveis, pelo que proporcionam de viabilização e funcionalidade. Suponho que se houver espírito de decisão e de cooperação, a mais económica e prática, para um autêntico Museu daRia — que não apenas de embarcações, por mais típicas, belas e singulares que estas sejam. E um Museu da Ria, num lugar de eleição, pois da própria Ria beneficiando.

Como sobejamente se sabe, está assente a ideia de transferir, tão breve quanto possível — e breve aqui serão poucos anos —, o porto de pesca costeira, mais correntemente designado por «a Lota», das centenárias e emblemáticas «Pirâmides» para a margem gafanhense da vasta caldeira que resultou da construção da nova ponte da Barra e da demolição consequente da sua antecessora anacrónica, de madeira corroída pelo teredo contumaz. Foi esse um dos benefícios trazidos pelo lançamento da folgada ponte miradouro agora existente — e que não serviu apenas para facilitar o acelerado trânsito rodoviário; o poder-se dispor de um local mais amplo, e mais próximo da barra, e de mais cómodo e económico acesso, para a descarga das embarcações da frota pesqueira das fainas atlânticas de ao longo e ao largo da costa.

E aqui surge, como que uma espécie de «ovo de Colombo».

Certamente que a zelosa administração portuária não pensará simples e displicentemente abandonar o complexo de instalações de que ali dispõe e inscreve no seu património. Estará mesmo a vislumbrar-lhe uma nova utilização, integrada no prático interesse das suas atribuições específicas, aproveitando o que tem e de que não seria razoável despojar-se sem justificação plausível e ponderosa, e, acuso, procurando obter resultados mais ou menos rendíveis do seu aproveitamento.

Mas eu vejo ali — e creio que realisticamente —, amplos, com largos espaços livres circundantes, o sítio de eleição para o museu com que em Aveiro se vem sonhando, anelada e conscienciosamente, há uma boa centúria de anos.

A obra fundamental, de raiz alicerçada e concreta para o Museu — local e nacional — que pretendemos está feita. A dois passos do centro da cidade, com vias de comunicação já estabelecidas, possui espaçosos pavilhões-armazéns, onde podem arrumar-se museologicamente os barcos dos diversos tipos e as respectivas palamentas. Têm ao redor espaço desabafado, para novos pavilhões. E está à beira de água, requerendo apenas espaçadas dragagens para manter a flutuar, e, assim, no seu meio próprio, algumas das embarcações expostas — como, por exemplo, na britânica Exeter.

Já não é a primeira vez que imagino — sem ninguém me dar a mínima atenção — a adaptação dessas instalações com caracterizados ditames piscatórios a fins museológicos de carácter lagunar. E reitero a expressão da minha mais convicta e firme persuasão de que, com relativa modicidade de dispêndios, e um seguro êxito, se podia proceder à transformação necessária.

Estou em crer que as entidades locais deveriam desde já pomover as diligências preliminares para essa utilíssima tarefa. Nos departamentos competentes dos Ministérios das Comunicações e da Cultura — pois fundamentalmente trata-se de um mero «mudar de agulhas» — e ao nível local.

E, sem perda de tempo, já que amanhã poderá ser tarde, ir apresentando, fundamentada e ardorosamente desejada, para tomar a cabeça entre os pretendentes, e as soluções imagináveis, a nossa candidatura, se não a herança, à alienação mais defensável.

Mas voltaremos ao assunto, a lembrar quanto o caso tem merecido a atenção de representativas figuras locais, ao longo de alguns decénios, e enquanto o caso nos vá dando ensanchas.

Eduardo Cerqueira

Motorizadas e estupidez

Continuação da 1.ª Página

ras mais frequentes que se manifestam nas ruas de uma cidade, são os automóveis, e mais recentemente, as antipáticas motorizadas. Mas, enquanto que, no respeitante a barulho, nos automóveis, se trata normalmente da vulgar «panela de escape» rota ou ficada pelo caminho (mais uma das despesas com que se tem de contar de quando em quando) outro tanto já não acontece com as motorizadas em que o seu ruído superdesagradável resulta da alteração propositada do silencioso, precisamente com um fim, o fim intolerável de incomodar os outros e a que não escapa o próprio proprietário.

Podemos, pois, concluir que, por via da ignorância, da estupidez e, vamos lá, da maldade dos seus utentes e, ainda, da incompreensível tolerância das autoridades que têm interferência no assunto, o maior flagelo que o homem da cidade tem de suportar, criando-lhe um estado de espírito de crescente irritabilidade (como se não chegassem já as contrariedades da vida quotidiana) é a passagem constante, quer de dia, quer de noite, dessas diabólicas motorizadas que, em correrias loucas e desastradas, ameaçam a vida dos transeúntes e dos donos que transportam.

Na realidade, para elas, as ruas assumem o carácter de pistas de «cross», fazendo um ruído tão propositadamente exagerado, tão deliberadamente incomodativo que, mesmo sem o recurso a um especial aparelho de medida, qualquer homem, mesmo ignorante, por simples comparação, poderá concluir que o nível sonoro do infractor está muito acima do valor humanamente admissível!

Mais uma vez poderemos dizer que parece impossível que o nosso País, que não fala noutra coisa senão em querer entrar na Europa(!), não seja capaz de encontrar prontamente uma maneira de acabar de vez com este martirizante processo de incomodar, diremos antes, de enervar tudo e todos, particularmente os doentes (quem se pode julgar isento de qualquer doença neurótica, com a vida preocupante dos dias d'hoje?), baseando-se na infantil desculpa de só existirem uns tantos «sonómetros»(?), quando, afinal, nós, portugueses, que nos orgulhamos tanto de ser expeditos e desembaraçados, ainda não descobrimos que para se saber de pronto se um som é intolerável ou não, bastava escutá-lo duas ou três vezes, não interessando necessariamente o rigoroso número de «decibéis» (décima parte do «bel», unidade logarítmica empregada em Acústica para exprimir o nível de intensidade do som) lido no mostrador do aparelho (ou registado) para efeitos de autuação!

Em tais circunstâncias, chega a causar indignação e até vontade de rir (amargo) com tanta fraqueza da parte das autoridades e tanta estupidez dos motoristas, caramba!

As autoridades fraquejam por toda a parte na vigilância do cumprimento das leis e das posturas, umas vezes por tolerância dos seus agentes ou favoritismo, outras por falta de apoio superior ou de legislação adequada. Parece impossível, mas é verdade: com que frequência se ouve dizer que ainda não existe legislação apropriada para isto ou aquilo, andando nós sempre atrasados, com o pé coxinho, apesar de termos um «legislativo» de brilhantes e devotadas capacidades, que tudo fazem para bem do povo, etc.?

Possivelmente, o fracasso está na falta de pulso, sem o qual o amolecimento é a imediata consequência. Na PSP, um Coronel F. do Amaral, na GNR, um General Farinha Beirão, Chefes que foram de alta craveira, actuando no tempo em que a Disciplina era a «basezinha», como diria o nosso Eça, ficaram para sempre na memória quer dos seus subordinados quer do pessoal civil, todos eles sabendo bem porquê.

Os motoristas, normalmente gente de letras grossas ou, então, rapaziada de «vanguarda», inspirada nas fitas, estilo «blousons noirs», não conseguindo chamar a atenção das gentes pelos seus feitos ou méritos pessoais, leva-os a vaidade a tornarem-se notados pelo barulho infernal das suas máquinas e fantasias acrobáticas (?) das manobras, impulsionados pela pequenez dos seus cérebros e critério egoísta, convencidos de que, incomodando, assustando, atroando os ares com o escape aberto, correndo pelas artérias da cidade a desoras, se notabilizam, nem que seja com as costelas partidas numa cama do Hospital Distrital!

Com todos estes desvarios, talvez se venham a celebrizar mais tarde pela perda relativa da faculdade auditiva se, antes disso, não se espatifarem contra qualquer obstáculo, como diariamente vem acontecendo por este País fora, contribuindo, de uma maneira tragicamente estúpida, para que Portugal ocupe um lugar cimeiro na relação das nações com maior número de mortos na estrada e, por outro lado, para que tenhamos de viver ainda, por tempo desconhecido, num ambiente inquietante e verdadeiramente dementado!

17.Setembro.81

MARCOS

Aveiro na Regionalização

Continuação da 1.ª Página

assento na Assembleia da República quanto às razões do completo bloqueamento da regionalização administrativa do Continente, os cidadãos abaixo assinados vêm requerer aos representantes eleitos do povo português:

1. Que não minimizem a importância da autonomia do poder local, e designadamente da criação das autarquias locais, regiões administrativas no debate a que vão proceder na revisão constitucional;

2. Que consagrem no texto que sair da revisão da Constituição os princípios da autonomia das autarquias locais e da regionalização administrativa do Continente, em tudo o que eles implicam, em matéria de orgânica, de competências e de forma democrática de designação dos seus titulares.

3. Que, logo após a aprovação da revisão constitucional, tenham a coragem e a eficácia necessárias para elaborar a lei ordinária destinada a prever a instituição das regiões administrativas, sua orgânica, competência dos seus orgãos e designação dos seus titulares.

Considerando ainda que a Região das Beiras constitui uma inequívoca identidade social, cultural e geográfica com a qual se identifica a generalidade dos beirões, requerem também:

4. Que, quando da instituição das regiões administrativas, seja respeitada essa própria identidade, nomeadamente a sua designação de Região das Beiras, bem como o enquadramento geográfico que resultar da vontade expressa das comunidades locais limítrofes.

Região das Beiras, Agosto de 1981.

Assestando o binóculo

Continuação da 1.ª página

sante sobrecais do canal da Praça do Peixe, destruído em grande parte pela malvadez dos vândalos que infestam a cidade. Pedras soltas, partidas, talvez roubadas algumas, outras mergulhadas no lodo fétido do canal, dão-nos uma maior dimensão do panorama deprimente que se depara e respira.

— :: —

Prosseguindo na caçadeira, em remada cadenciada, eis-nos agora nos canais das Pirâmides e Central, onde os aleijões se sucedem, e para os quais não encontramos explicação.

— Que se passa, Senhora Junta?

— A hora é de maré-baixa?!...

AMADEU DE SOUSA

Litoral

Correspondendo a disposição legal obrigatória, dimanada do Ministério da Comunicação Social, informa a Administração deste semanário que a tiragem média do «Litoral» correspondente ao mês transacto foi de **12.500 exemplares.**

Desportos

Continuações da última página

OVAR / PHILIPS

ra, fazendo-o sentir como parte integrante do clube, independentemente do seu rendimento. O clube apenas exige seriedade e devoção, e os jogadores sabem também que a Secção não promete aquilo que não pode cumprir. A Secção de Basquetebol luta para garantir às suas equipas uma orientação de elevada qualidade, de prestígio firmado, e para isso tem nos seus quadros o Professor Francisco Costa e Manuel Gaspar, respectivamente treinadores da equipa de seniores e de juniores, elementos bastante devotados para além de terem aceitado condições extremamente modestas, depreciando melhores e mais vantajosas ofertas de outros clubes.

O natural estímulo da disputa de um Campeonato como é o da I Divisão é aproveitado para a criação de escolas de formação orientadas por pessoas competentes e sob a supervisão do coordenador, Prof. Francisco Costa.

Antes de terminar, o Dr. Augusto Chaves teceu algumas considerações acerca do que consideramos o ponto quente da reunião, dizendo que, infelizmente, as colectividades da chamada «Província» lutam com diificuldades adicionais, acrescentando que a Federação Portuguesa de Basquetebol tem usado para com a Ovarense de verdadeira prepotência e que a colectividade ainda hoje se sente com o direito de estranhar, entre outras coisas, que lhe tenha sido imposto o pagamento de uma verba contestada e não devida com a ameaça de não ser admitido o nome do Clube para o Sorteio do Campeonato Nacional, permitindo-se a um clube de Lisboa (sabemos ser o S. L. Oriental) a entrada no Sorteio sem que tenha feito o pagamento da verba que lhe era igualmente exigida e, por outro lado, que o Presidente da Federação tenha estado junto da Mesa dos Cronometristas, aquando dum jogo decisivo da época anterior em que era praticamente de outro clube um seu filho... **À mulher de César não basta ser séria; é preciso também parecê-lo...!**

Para concluir, o Dr. Arala Chaves diria que situações deste tipo seriam este ano imediata e oportunamente denunciadas pela Ovarense. Disse ainda que o clube procurará manter com a Imprensa as melhores relações e que estão criadas condições no Pavilhão da Ovarense para um bom trabalho dos seus representantes, e finalizaria dizendo que esperava ver, em breve, o frutificar do trabalho da Secção e que a própria **Philips** irá encarar com o maior agrado a renovação atempada do seu patrocínio.

Seguiram-se algumas perguntas, formuladas ao Professor Francisco Costa, nomeadamente se concordava com o novo molde de disputa do campeonato e se concordava com os dois estrangeiros, ao que o professor respondeu discordando da maneira como o campeonato se disputava a partir da segunda fase, pois há equipas (as que ficarem nos oito primeiros lugares da primeira fase) que vão fazer mais jogos do que outras; e, quanto aos estrangeiros, concordava com dois desde que o brasileiro fosse considerado estrangeiro. O Professor Francisco Costa disse ainda, no tocante a arbitragens, que era de opinião que se arranjassem grupos de árbitros e, que os mesmos fossem nomeados por sorteio, pois é de parecer que, para os árbitros de 1.ª Divisão, não deverá haver jogos mais fáceis ou mais difíceis.

Antes do fim da sessão o sr. João Gonçalves elucidou que, este ano, ao contrário dos anos anteriores, os calendários ainda não chegaram aos clubes, o que dificulta a acção da Ovarense no intuito de programar as suas deslocações e, ainda sobre o problema arbitragens, focaria que árbitros do Porto para arbitrarem um jogo de Juniores em S. João da Madeira fizeram as suas contas para a deslocação da seguinte maneira: Porto-Aveiro de comboio-foguete, e Aveiro S. João da Madeira de «táxi» e o regresso logicamente S. João da Madeira-Aveiro de «táxi» e Aveiro-Porto de comboio-foguete... Além disso, faziam o mesmo para os jogos em Ovar, isto é, Porto-Aveiro de foguete e Aveiro-Ovar de «táxi», incluindo no preço do «táxi» a «espera» que é o tempo que dura o jogo, e regresso mesmas vias.

Para terminar o snr. João Gonçalves focaria que o **plantel** é reduzido (um elemento encontra-se a cumprir o serviço militar) agravado pelo facto de só poder jogar um estrangeiro e a Ovarense ter dois, mas que é necessário conter as despesas, embora haja viabilidade de aquisição de mais um ou dois jogadores. E frizaria ainda que a verba que a Ovarense dispende com os subsídios a jogadores, incluindo os dois americanos, equivale ao que grandes clubes nacionais pagam a dois jogadores.

Vítor Marques

DOIS AMERICANOS no «plantel» vareiro

A equipa da OVAR/PHILIPS é treinada pelo Prof. Francisco Costa e dispõe do concurso de dois norte-americanos, ambos de 24 anos — GREG CHAMBERS (2.03 m.) e AL TREACHEL (2.01 m.), que jogam como «postes».

Os outros elementos do «plantel» são os seguintes: ÂNGELO Oliveira (27 anos, base, 1,83 m.), empregado de escritório. José AZEVEDO (25 anos, extremo, 1,79 m.), funcionário administrativo. MÁRIO LEITE (18 anos, base, 1.85 m.), estudante liceal. Carlos CABRAL (25 anos, base-extremo, 1,75 m.), estudante do ISEF. RAUL Paula (27 anos, poste-extremo, 1.90 m.), empregado de escritório. CARLOS JORGE (22 anos, poste-extremo, 1.92 m.), empregado de escritório. TAM LING (25 anos, extremo, 1.82 m.), fiel de armazém. ABÍLIO Madureira (21 anos, poste, 1,89 m.), a cumprir serviço militar. TÓ CARNEIRO (25 anos, extremo, 1.91 m.), empregado fabril. George SING (30 anos, poste 2.01 m.), funcionário administrativo.

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 7 DO «TOTOBOLA»

4 de Outubro de 1981

1	Feirense — Gil Vicente ...	1
2	Salgueiros — P. Ferreira	1
3	Bragança — Leixões ...	X
4	Chaves — Varzim	2
5	Neves — Sanjoanense ...	2
6	Rio Maior — Alcobaça ...	1
7	Oliveirense — Águeda ...	1
8	Covilhã — Portalegrense	1
9	U. Coimbra — Académico	2
10	E. Lagos — Amadora ...	1
11	V. Gama — Marítimo ...	X
12	Montijo — Barreirense ...	1
13	Juventude — Lusitânia ...	1

FUTEBOL

Beira-Mar — Portalegrense

concluiu com êxito inteiramente merecido da turma beiramarense, que alcançou um **score** robusto, mesmo sem ter denotado, no capítulo da concretização, um grau de produtividade que mereça nota positiva.

De facto, ao longo dos noventa minutos, os auri-negros, que constituiram uma formação com nítido pendor ofensivo, desaproveitaram uma boa mão-cheia de ocasiões de golo possível — nalguns casos de forma verdadeiramente incrível, de baliza abarea e a curta distância da linha fatal... —, pondo a claro que a pontaria carece de ser devidamente afinada...

Assim mesmo — e até porque o treinador Vieirinha se encontra ainda em fase de escolha e rodagem do «onze» ideal (não dispôs, por exemplo, de Cansado, em convalescença da lesão que contraiu no jogo-treino com a Sanjoanense; e não contou, a cem por cento, com Celton e Joca) — pode considerar-se prometedora a estreia do Beira-Mar, que atingiu o seu objectivo principal: a conquista dos dois pontos.

Deverão também relevar-se a capacidade de reacção e o espírito colectivista da turma aveirense. Porventura, a circunstância de ter estado inicialmente em desvantagem no marcador (embora por escassos cinco minutos) funcionou como acicate, para estimular e para testar os futebolistas beiramarenses — que, sofrendo um tento contra a corrente do jogo, numa altura em que, mercê do seu domínio territorial, bem mereciam já usufruir de vantagem no **placard**, souberam reagir de pronto, virando o resultado num curto lapso de tempo.

Ao atingir-se o intervalo, a sorte do jogo estava traçada, tanto pelo avanço (de dois golos) como pela superior condição, atlética e técnica, do Beira-Mar — ante um Portalegrense que se nos afigurou equipa arrumada, com alguns valores, mas pouco ousada, com quase nula produção atacante. De referir, porém, que à beira do descanso, (39 e 44 minutos), os alentejanos criaram algum **suspense**, quando forçaram Valter a defesas extremamente difíceis, safando tentos possíveis, em remates de Fidalgo (à queima-roupa) e de Rui (num livre frontal).

O primeiro meio-tempo foi bem mais movimentado que a etapa complementar, em que se registou algum equilíbrio, em consequência dos aveirenses terem abrandado o ritmo do seu futebol, dando aso a que os portalegrenses lutassem de igual para igual, a meio-campo.

A partida teve, então, fases de monotonia, voltando, no entanto, a animar-se na parte final, quando os locais, depois de fazerem o 4-1, num tento algo insólito, mas legal (fruto da desatenção dos defensores de Portalegre e do oportunismo do beiramarense Jordão) — se empenharam, mas sem êxito, para ampliarem a contagem. Ensejos para mais golos foram criados, é bem certo; mas a finalização é que, como no período inicial do desafio, voltou a não corresponder ao futebol-jogado.

Trabalho digno de nota elevada, o do árbitro e respectivos auxiliares, um «trio» com actuação sóbria e sem falhas, num jogo que, de resto, não teve problemas, dada a correcção dos elementos das duas turmas.

BASQUETEBOL

CAMPEONATO DE AVEIRO

ras), no Pavilhão Gimnodesportivo, SANJOANENSE — BEIRA-MAR (21.30 horas), no Pavilhão do Beira-Mar, a pedido da turma de S. João da Madeira. ILLIABUM — ACADÉMICA DE ÁGUEDA (21.30 horas), no Pavilhão de Ilhavo. ESGUEIRA — SANGALHOS (21 horas), no Pavilhão Gimnodesportivo.

No dealbar da competição, julgamos curioso recordar a lista dos campeões regionais, a partir da fundação da Associação de Desportos de Aveiro. Alcançaram o título o GALITOS, duas vezes (1969-70 e 1970-71), o ILLIABUM, uma vez (1974-75) e o SANGALHOS, nove vezes (1971-72, 1972-73, 1973-74, 1975-76, 1976-77, 1977-78, 1978-79, 1979-80 e 1980-81).

— Aveiro nos Nacionais —

Próxima Jornada

ZONA NORTE — Fafe — Leça, Valdevez — FEIRENSE, Gil Vicente — Salgeuiros, Paços de Ferreira — Bragança, Leixões — Chaves, Varzim — Famalicão, Amarante — Neves e SANJOANENSE — UNIÃO DE LAMAS.

ZONA CENTRO — Rio Maior — União de Santarém, Ginásio de Alcobaça — OLIVEIRENSE, RECREIO DE ÁGUEDA — Sporting da Covilhão, Portalegrense — União de Coimbra, Académico de Coimbra — BEIRA-MAR, Benfica de Castelo Branco — OLIVEIRA DO BAIRRO, Cartaxo — Nazarenos e Guarda — Peniche.

III DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada

SÉRIE «B»

Marco — LUSITÂNIA	1-1
Valonguense — Mogadourense	3-0
Valadares — P. BRANDÃO ...	2-2
Lixa — Régua	0-1
OVARENSE — Candal	4-1
Ermesinde — Tirsense	1-1
Paredes — Infesta	0-2

SÉRIE «C»

ALBA — Seia	1-2
Alcains — Penalva	0-2
Marialvas — ANADIA	0-3
Mangualde — Febres	0-0
Viseu Benfica — Pedrulhense	1-0
Vildemoinhos — Quiaios ...	1-2
Naval — Tondela	2-2

Próxima Jornada

SÉRIE «B» — LUSITÂNIA DE LOUROSA — Paredes, Mogadourense — Marco, PAÇOS DE BRANDÃO — Valonguense, Régua — Valadares, Vilanovense — Lixa, Tirsense — OVARENSE e INFESTA — Ermesinde.

SÉRIE «C» — Seia — Naval 1.º de Maio, Penalva do Castelo — ALBA, ANADIA — Alcains, Esperança — Marialvas, Pedrulhense — Mangualde, Quiaios — Viseu e Benfica e Tondela — Lusitano de Vildemoinhos.

Beira-Mar — Anadia

com muito interesse e grande expectativa — deverá constituir excelente espectáculo, tanto porque os anadienses possuem, tradicionalmente, grupos de real valia, como porque os beiramarenses, na época que marca a sua «estreia» na I Divisão Nacional, se encontram esperançados em fazer boa figura e dispõem de um conjunto deveras valoroso.

Torneio Início

conforme o LITORAL referiu na passada semana, foram vencedores, respectivamente, nas séries «A» e «B» da primeira fase da competição.

Registamos, entretanto, os desfechos das quinta e sexta jornadas dessa **poule** e as classificações verificadas, que foram os seguintes:

SÉRIE «A»

5.ª jornada — Oliveirense, 1 — Lamas, 3 e Feirense, 1 — Sanjoanense, 0. **6.ª jornada** — Lamas, 0 — Sanjoanense, 0 e Feirense, 4 — Oliveirense, 1.

Classificação — 1.º, Feirense (11-6), 15 pontos; 2.º, Oliveirense (10-10), 13; 3.º, Sanjoanense (8-6), 13; 4.º, União de Lamas (4-9), 9.

SÉRIE «B»

5.ª jornada — Alba, 1 — Ovarense, 0. **6.ª jornada** — Oliveira do Bairro, 1 — Alba, 0.

Classificação — 1.º, Oliveira do Bairro (5-1), 10 pontos; 2.º, Ovarense (3-2), 8; 3.º, Alba (1-6), 6.

— :: —

Na partida decisiva, a turma bairradina chegou ao intervalo a vencer por 2-0, mas os feirenses recuperaram o atraso, chegando-se ao termo dos noventa minutos com as equipas empatadas a duas bolas.

O desfecho não se alterou, em período de prolongamento. E, em grandes penalidades, para desfazer a igualdade, o Feirense acabou por superiorizar-se, por 6-5, pelo que ficou a pertencer-lhe a vitória final no **Torneio Início** da Associação de Futebol de Aveiro.

Xadrez de Notícias

nismo. 6 — Imprensa — Promoção e Informação.

Em 11 de Outubro próximo, o Centro Recreativo de Estarreja promove uma jornada de atletismo (com provas para infantis, iniciados, juvenis, senhoras, juniores, seniores e veteranos), integrada no Encontro de Colectividades marcado para aquela vila, na referida data.

As corridas contam com patrocínio da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e o respectivo júri será formado por elementos da Comissão Disrtital de Juízes de Atletismo de Aveiro.

Em 18 de Agosto findo, na Secretaria Notarial de Aveiro, foi celebrada a escritura de criação do **Clube de Vela da Costa Nova** — associação desportiva que se propõe desenvolver e incrementar a prática de todas as actividades náuticas no excelente e tão esquecido braço da Ria de Aveiro compreendido entre as praias da Barra e da Costa Nova.

A nóvel colectividade, a cuja Direcção preside Carlos Barros, organiza no próximo domingo, a partir das 13 horas, a **I Regata do Clube de Vela da Costa Nova** — integrada nos tradicionais festejos do Dia da Senhora da Saúde, padroeira daquela praia.

Decorrem, desde 7 do corrente mês de Setembro, as inscrições dos associados do Sporting de Aveiro interessados na aprendizagem ou na prática da natação.

As condições de inscrição podem ser solicitadas na Secretaria dos «leões» aveirenses (à Rua de Manuel Firmino) às horas normais de expediente, em qualquer dia útil.

Andebol de Sete

garam com a Académica, tendo perdido, por 31-24 (15-10, ao intervalo). No sábado, dia 19, nesta cidade, o Beira-Mar derrotou, por 26-21 (12-9, ao intervalo), a turma vimaranense do Desportivo Francisco d'Holanda.

Sob arbitragem de uma «dupla» constituída por Fernando Bento (jogador e treinador beiramarense) e José Carlos (atleta dos visitantes), alinharam e **marcaram**:

Beira-Mar — Januário (Abel), Fernando Rocha (8), Marinho, Silvares (2), Gustavo (3), Duarte (3), Chico (3), João (1), Leite (1), Albano, Candeias (2) e Chico Costa (3).

F.º d'Holanda — Sidónio, Carlos (1), Luís (1), Norberto, Xavier (1), José António (1), Vítor (2), Peixoto (1), Miguel, Armindo (2) e José Agostinho (12).

— :: —

Antes do começo do Nacional da II Divisão (marcado para 24 de Outubro próximo, o Beira-Mar disputará, em datas ainda por decidir em definitivo, mais uma série de desafios (com o mesmo carácter de treino).

No **quadro de técnicos**, os auri-negros contam, esta temporada, com os seguintes treinadores:

Sector Masculino — Seniores: Alfredo Vaz Pinto. Juniores: José Januário. Juvenis: Fernando Bento. Iniciados: Carlos Santos.

Sector Feminino — Seniores: Fernando Bento. Juvenis: Alfredo Vaz Pinto.

FUTEBOL

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Amanhã -- Jornada inaugural

S. BERNARDO F.º d'HOLANDA

Está marcada para amanhã, à noite, a jornada inaugural do Campeonato Nacional da I Divisão, em andebol de sete — em que, na Zona Norte, voltamos a ter a presença de duas equipas do Distrito de Aveiro: S. BERNARDO (filiado na Associação de Desportos de Aveiro) e Sporting de Espinho (há anos atrás «retransferido» para a Associação de Andebol do Porto...)

Na série nortenha, teremos os seguintes desafios, na ronda de abertura:

Ac.ª S. Mamede — Académico
Águas Santas — Desp. Póvoa
Fermentões — Porto
S. BERNARDO — F.º d'Holanda
Académica — Espinho
Desp. Portugal — Maia

Jogos de Preparação do BEIRA-MAR

A turma beiramarense, com largas tradições no andebol distrital — de que, em todos os níveis, tem sido o mais sólido baluarte (muito em especial nas camadas jovens) —, na época finda, falhou por um triz (e certa dose de infortúnio...) o regresso à I Divisão. Esta temporada, porém, os auri-negros aprestam-se para tentar o retorno à prova maior, pelo que procuram rodar devidamente a turma principal — constituída apenas por «prata da casa» (grande número de esperançosos ex-juniores, com apoio dos experientes e dedicadíssimos Januário, Dr. Fernando Rocha e José Silvares) —, que, na semana finda, realizou dois jogos-treino, com equipas da I Divisão.

Na noite de terça-feira, dia 15, em Coimbra, os beiramarenses jo-

Continua na penúltima página

Antecipado para amanhã

O JOGO DE JUNIORES BEIRA-MAR — ANADIA

A pedido da turma bairradina, com o indispensável acordo dos aveirenses, a Federação Portuguesa de Futebol autorizou a antecipação do desafio BEIRA-MAR — ANADIA, da ronda inaugural do Campeonato Nacional de Juniores da I Divisão, para as 15.30 horas de amanhã, sábado, no Estádio de Mário Duarte.

O desafio — aguardado

Continua na penúltima página

Amanhã — Início do

CAMPEONATO DE AVEIRO

A nível de seniores-masculinos, a primeira prova oficial da época de 1981-1982 promovida pelo Departamento de Basquetebol de Aveiro inicia-se amanhã, sábado — decorrendo de 26 de Setembro a 23 de Dezembro.

Trata-se do Campeonato Regional de Aveiro, cujo programa, na ronda inaugural, é o seguinte:

GALITOS — A.R.C.A. (22.30 ho-

Continua na penúltima página

AVEIRO nos NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 5.ª jornada

Ac.º Viseu — Braga	2-0
Belenenses — Vit. Setúbal ...	1-1
Sporting — Penafiel	6-0
Rio Ave — ESPINHO	1-0
Estoril — Boavista	1-0
Amora — Benfica	1-0
Vit. Guimarães — Portimon.	2-0
Porto — U. Leiria	3-0

Classificação actual

Porto, 10 pontos; Sporting, 9; Vitória de Guimarães, 7; Benfica, 6; ESPINHO, Belenenses, Vitória de Setúbal, Estoril e Rio Ave, 5; Sporting de Braga, Portimonense, Boavista e Penafiel, 4; Amora e Académico de Viseu, 3; União de Leiria, 1.

Próxima Jornada

Braga — Porto; Vitória de Setúbal — Académico de Viseu, Penafiel — Belenenses, ESPINHO — Sporting, Boavista — Rio Ave, Benfica — Estoril, Portimonense — Amora e União de Leiria — Vitória de Guimarães.

II DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada

ZONA NORTE

FEIRENSE — Fafe	1-1
Salgueiros — Valdevez	3-0
Bragança — Gil Vicente	1-0
Chaves — Paços Ferreira ...	1-1
Famalicão — Leixões	0-1
Neves — Varzim	0-4
U. LAMAS — Amarante	1-1
Leça — SANJOANENSE ...	1-3

ZONA CENTRO

OLIVEIRENSE — Rio Maior ...	1-0
Covilhã — Alcobaça	3-2
U. Coimbra — RECREIO ...	0-2
BEIRA-MAR — Portalegrense	4-1
OLIV. BAIRRO — Ac. Coimbra	0-0
Nazarenos — B.ª C. Branco	3-0
Peniche — Cartaxo	0-1
U. Santarém — Guarda	2-1

Continua na penúltima página

Estreia prometedora

BEIRA-MAR, 4—PORTALEGRENSE, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Isidro Santos, coadjuvado pelos srs. Serafim Cardoso (bancada) e Domingos Barbosa (superior) — «trio» da Comissão Distrital do Porto.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Valter; Silva (Jordão, aos 75 m.), Quim, Celton (Joca, aos 85 m.) e Marques; Manuel Dias, Cambraia e Tony; Meco, José Carlos e Guedes.

PORTALEGRENSE — Sílvio; Artur, Silveira, Nado e Ferreira; Lopes, Dorinho e José Maria; Rui, Fidalgo (Rodrigues I, aos 75 m.) e Liberalino.

Suplentes não utilizados: Rui, Balacó e Nogueira, no Beira-Mar; e Mário, Rodrigues II, Alfaia e Monteiro, no Portalegrense.

Acção disciplinar — O árbitro exibiu «cartão amarelo» aos alentejanos Dorinho (82 m.) e Lopes (83 m.), por contestarem a validação do último golo da turma local; e ao aveirense José Carlos (89 m.), por entrada rude, em jeito de desforço, sobre o portalegrense Ferreira.

Marcadores — MECO (22 m.), JOSÉ CARLOS (24 m.), MARQUES (33 h.), de grande penalidade, e JORDÃO (81 m.) — para o Beira-Mar; e LIBERALINO (17 m.) — para o Portalegrense.

Ao intervalo: 3-1.

— :: —

O prélio que, no transacto domingo, assinalou em Aveiro a abertura oficial da época em curso,

Continua na penúltima página

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

Paivense — Cucujães	1-2
Avanca — Carregosense ...	2-0
Esmoriz — Vaguense	1-0
Luso — Barrô	4-1
Arrifanense — Fiães	1-0
Sanguedo — Pessegueirense...	2-1
Valonguense — Mealhada ...	3-1
Relâmpago — Cortegaça ...	3-1
Cesarense — Arouca	3-0

Ficou adiado o desafio Valecambrense — Estarreja (ou, na eventualidade dos estarrejenses se manterem na III Divisão, o jogo entre o Valecambrense e a turma que será «repescada» para a I Divisão da A. F. de Aveiro).

Classificação actual

Esmoriz e Cucujães, 6 pontos; Luso, 5; Arrifanense, Sanguedo, Carregosense, Cesarense, Vaguense, Pessegueirense, Mealhada, Cortegaça, Avanca e Valonguense, 4; Relâmpago Nogueirense (menos um jogo), Fiães e Arouca, 3; Valecambrense (menos um jogo), Paivense e Barrô, 2.

Jogos para Domingo

Paivense — Avanca, Carregosense — Esmoriz, Vaguense — Luso, Barrô — Arrifanense, Fiães — Sanguedo, Pessegueirense — Valonguense, Mealhada — Relâmpago Nogueirense, Cortegaça — Valecambrense, Estarreja — Cesarense e Cucujães — Arouca.

TORNEIO INÍCIO

Triunfo final para o FEIRENSE

Na noite da penúltima quarta-feira, 16 de Setembro, no Campo de Carlos Osório, em Oliveira de Azeméis, realizou-se o desafio da final do **Torneio Início** da Associação de Futebol de Aveiro, que pôs frente-a-frente as equipas do Feirense e do Oliveira do Bairro, que,

Continua na penúltima página

Apresentada à imprensa a equipa

OVAR/PHILIPS

Reportagem de Vítor Marques

No passado dia 16, promovida pela Associação Desportiva Ovarense, realizou-se num hotel da cidade do Porto, como no LITORAL se referiu, na semana finda, uma Conferência de Imprensa, destinada à apresentação do plantel basquetebolístico para a época 1981/82 e ainda para dar a conhecer a nova firma patrocinadora — PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L. —, bem como os projectos para a nova temporada.

Estiveram presentes na agradável reunião os srs. Eduardo Figueiredo, Joaquim Faisca e Almeida Santos, em representação da **Philips**; e, por parte da Ovarense, além do seu treinador, Professor Francisco Costa os dirigentes Dr. Augusto Arala Chaves, João Gonçalves e Luís Sousa e Castro.

O Dr. Augusto Arala Chaves começou por agradecer aos representantes dos orgãos de comunicação social a honra da sua presença, dizendo, em seguida, que era com imensa satisfação que anunciava que, para a época 81/82, a equipa da Ovarense era patrocinada pela **Philips Portuguesa,** adoptando a designação OVAR/PHILIPS, satisfação essa que duplicava pois a **Philips** é uma empresa com prestígio internacional, de reputada fama, e que tem uma das suas importantes fábricas em Ovar. Daí que a designação OVAR/PHILIPS é, de algum modo, uma dupla designação vareira.

Manter um comportamento exemplar, competir com brio desportivo, com denodo, na busca da melhor classificação possível, serão os atributos de um clube que é rico no seu historial, nobre nas suas relações, orgulhoso das suas tradições, cioso no cumprimento dos seus compromissos, altivo na sua independência mas modesto nas suas possibilidades económicas. A Direcção Central da Colectividade acarinha a Secção de Basquetebol, vivendo mesmo os seus problemas, mas assoberbada com os problemas do futebol e limitada pela escassez das suas finanças, nada mais pode fazer do que entregar ao Basquetebol a gestão do Pavilhão. Dessa gestão, do patrocínio, da publicidade e de iniciativas diversificadas obtém a Secção de Basquetebol, penosamente, o pão do dia-a-dia. As receitas dos jogos mal chegam para pagar às arbitragens, devido às contas «astronómicas» apresentadas, não por falta de público, pois nos jogos em Ovar o pavilhão está sempre cheio. Sobre este assunto, o seccionista João Gonçalves elucidaria que, na época passada, nos jogos em Ovar, cerca de 50% foram arbitragens de Setúbal, cujo custo ultrapassou sempre os 10.000$00. O Dr. Augusto Chaves diria ainda que, no momento de «inflacção» no basquetebol nacional, a Ovarense procura ser realista, conjugando com doses de bom-senso o indesmentível «profissionalismo» em que vive o nosso basquetebol, com a necessária ética e mística clubística de «amadorismo».

Enquanto a equipa de juniores é totalmente amadora, pois o clube apenas lhes dá camisolas e calções para jogos, à equipa sénior é atribuído um modesto subsídio mensal, igual para todo e qualquer jogador nacional, procurando o clube proporcionar-lhe melhores condições de vida no tocante a postos de trabalho, habitação, etc., procurando acarinhá-lo, integrá-lo na nossa ter-

Continua na penúltima página

XADREZ DE NOTÍCIAS

Na noite da passada sexta-feira, em cerimónia realizada na Sede do Clube, foram empossados os novos dirigentes do Beira-Mar, recentemente eleitos — como na altura própria noticiámos — para o biénio de 1981-83.

Do importante acto, e na impossibilidade de o fazermos já hoje, daremos desenvolvido e merecido relato no número da próxima semana do LITORAL.

Amanhã, pelas 17 horas, no Pavilhão de Ovar, efectua-se um encontro particular de basquetebol, que servirá para apresentação aos desportistas vareiros da turma da OVAR/PHILIUS. Será opositor dos ovarenses a equipa do Ginásio Figueirense.

Está prevista para 28 de Novembro, no Pavilhão do Beira-Mar, a realização dum jogo internacional de andebol de seniores, entre as selecções nacionais de seniores masculinos de Portugal e da Espanha.

Oportunamente, traremos às nossas colunas circunstanciados apontamentos sobre o sempre emotivo e desejado desafio ibérico.

Vai realizar-se, de 5 a 8 de Dezembro, nos salões da «Casa do Alentejo», em Lisboa, **4.º Congresso Nacional de Campismo** — uma iniciativa da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, que conta com apoio da Direcção-Geral de Turismo.

O Congresso abrangerá os seguintes temas: 1 — Legislação sobre Campismo e Férias. 2 — Instalações de Campismo e Férias. 3 — Campismo com Manifestação Desportiva. 4 — Campismo como forma de Turismo e Férias. 5 — Material de Campismo e Carava-

Continua na penúltima página